

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA: A ESPECIFICIDADE DO TRABALHO NA SALA DE AULA

Vera Lucia Marschall Viera¹

Janaina Aparecida Mattos de Almeida²

RESUMO

Neste trabalho, propõe-se analisar como ocorre o desenvolvimento das atividades na sala de aula e assim contribuir para explicitar a especificidade da educação escolar. Pretende-se analisar o processo ensino-aprendizagem, que é a tarefa desenvolvida no interior das salas de aula, tendo como base as múltiplas determinações que existem no espaço escolar. Destaca-se a forma como alunos e professores compreendem a atividade educativa; o distanciamento existente entre a teoria e a prática; as tarefas extras desenvolvidas e a prática da sala de aula, tendo como pretensão apontar como esses fatores interferem no processo educativo. A escola como local de ciência, deve organizar-se de forma a desenvolver atividades que propiciem conhecimento científico. O modo como este ocorre, deverá ser com atividades nas quais a escola possa desenvolver os conteúdos clássicos e essenciais para a formação do aluno. Na construção da práxis pedagógica, deve figurar o conhecimento e fazer da ciência o espaço da sala de aula. A análise dos dados pesquisados serve para a compreensão da práxis existente no âmbito escolar e da comunidade na qual a escola está inserida.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem; educação escolar; práxis pedagógica

Abstract:

This paper proposes makes an examination about how occurs the development of classroom activities and contribute to explain the specificity of the school's education. It intends to analyse the teaching learning process, which is the task carried out within the classroom, based on the multiples determinations that are in school. It highlights the way students and teachers understand the educational activity; the blanks between theory and practice, the extra tasks and developed practical classroom, with the claim of indicate how these factors influence the educational process. The school as a science place, must be organized in order to develop activities that provide scientific knowledge. It should occurs in activities where the school can develop the classic and essential content for the students graduation. The pedagogical usual construction must show the knowledge, and make the classroom a science space. The research data analysis are useful to understand the existing praxis in the school and the community in which the school is inserted.

Keywords: teaching-learning, school education, pedagogical praxis.

¹ Autora: Professora Pedagoga do Colégio Estadual Carlos Zewe Coimbra – Ensino Fundamental e Médio – Município de Santa Teresinha de Itaipu – Paraná. Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2008 – Gestão Escolar, vinculado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus - Foz do Iguaçu.

² Orientadora: Professora do curso de Pedagogia da UNIOESTE - campus Foz do Iguaçu. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do curso de Pedagogia da UNIOESTE - Foz do Iguaçu.

INTRODUÇÃO

A necessidade de conhecer a realidade da práxis presente nas salas de aula fez com que nos debruçássemos em busca de respostas aos questionamentos sobre como professores e alunos assumem a tarefa de ensinar e aprender.

Tarefas desenvolvidas no interior das salas de aula e baseadas em estudos teóricos apontam para um espaço de ciência onde o conhecimento científico deve figurar como a essência do fazer pedagógico da escola.

Contribuir para a explicitação da natureza e a especificidade da educação escolar, a partir da análise criteriosa de como ocorre o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido no interior da sala de aula, tomando como base as múltiplas determinações que existem no contexto escolar, a fim de construir uma práxis pedagógica, é a proposta para a presente discussão.

Para a realização deste trabalho, desenvolvemos um estudo “in locu” no Colégio Estadual Carlos Zewe Coimbra, no município de Santa Terezinha de Itaipu, com os alunos das duas turmas de 3º anos do Ensino Médio do período matutino.

Para o levantamento das questões, utilizamos a metodologia com a abordagem pesquisa-ação. Segundo Thiollent, pesquisa-ação “supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro”. (2002, p. 7). Ainda conforme Thiollent, nesta forma de pesquisa, o pesquisador conseguirá responder com maior eficácia as questões levantadas e, em consequência, buscar-se-á uma ação transformadora para as questões propostas.

Na pesquisa, foram aplicados questionários semiestruturados para professores das turmas pesquisadas, alunos, pais, equipe pedagógica e direção do colégio pesquisado.

Além das pesquisas, fez-se o estudo do projeto com professores do

estabelecimento e de outras escolas, denominado Grupo de Apoio à Implementação do Projeto. Também realizou-se a discussão do projeto com professores através do grupo de trabalho em rede (GTR).

Os resultados da pesquisa foram frutos de uma investigação alicerçada nas teses de Vázquez, Freire e Saviani, levando-se em conta a realidade da comunidade escolar onde desenvolvemos a pesquisa.

Através da análise da Proposta Pedagógica e Curricular do Estabelecimento, estudamos a filosofia que norteia as ações do colégio em estudo.

A mundialização da cultura e a globalização do mundo do trabalho recolocam as questões da sociabilidade humana em espaços cada vez mais amplos, questionando-nos sobre a identidade pessoal e social cada vez mais complexas, as quais precisam ser enfrentadas.

O homem como dinamizador, ser social, produtor da cultura, para construir e reconstruir perspectivas de uma vida mais ampla, deverá interagir, integrar-se, através de constantes movimentos, e utilizar-se da tecnologia que produz.

O homem deve ser consciente, sábio e inovador, pois, dessa forma, conseguirá acompanhar o salto de qualidade visto em todas as áreas do conhecimento que ele mesmo proporcionou.

Além disso, necessita-se de um homem humano e fraterno, que não queira tudo para si, mas que seja capaz de pensar e criar. É preciso que ele encontre valores que simplesmente consigam motivar a sua vivência na sociedade. A busca de um ser pleno, que tenha valor em si mesmo e consiga conviver harmoniosamente com outros seres humanos e com a natureza, é objetivada em todos os quadrantes do planeta. Portanto, estão em alta os valores éticos, no sentido de uma atitude de vida, nos quais a dignidade do ser humano deve ser suficiente para manter um nível de respeito por todos e reverter o quadro atual.

A escola deve estabelecer possibilidades sólidas, deve servir de alicerce para as relações sociais. A vida e o mundo exigem articulação, e é esta a função revitalizadora da escola.

É necessário visar uma sociedade democrática na qual as pessoas saibam conviver com as diferenças, contemplando o exercício da cidadania; procurando desenvolver consciências críticas, capazes de gerar respostas adequadas aos problemas atuais; enfrentando as situações novas decorrentes do avanço da ciência e do desenvolvimento da consciência cívica.

A escola é também uma instância produtiva, na medida em que forma (produz), trabalhadores para distintos campos de trabalho. Será pelo estudo das atividades de ensino (processo que produz trabalhadores) e de pesquisa (conhecimento), que se alcançará o ponto de interseção de distintos fazeres da escola, avançando rumo à escola humanista e cidadã.

1. A PRÁXIS PEDAGÓGICA: UMA CATEGORIA EM CONSTRUÇÃO

A ação pedagógica, principal atividade da instituição escolar, deverá alicerçar as tarefas desenvolvidas na prática da sala de aula. É através da prática e da reflexão do professor que serão apontados os caminhos mais adequados.

A escola trabalha com o conhecimento e com o ser humano. Por isso, é permanente seu desafio de estar em constante processo de discussão e reelaboração de suas ações, buscando as transformações necessárias, por meio de um currículo construído a partir do contexto histórico e social.

A prática da sala de aula deverá acontecer de forma coletiva, articulada e realizada com base nos conteúdos clássicos e essenciais para a formação do ser humano pensante e autônomo. Além disso, é necessário que a escola pública seja local de ensino de qualidade.

O mundo atual, marcado por grandes transformações, provoca impacto sobre o homem, o qual se vê diluído nas grandes concepções e nos paradigmas deste novo milênio.

Nas novas tendências culturais e científicas, provocadas pela revolução tecnológica, há uma nova forma de convivência humana. Os impactos provocados na individualidade de cada ser humano desencadeiam na educação, na economia e na política uma nova forma de relacionamento e a estrutura social precisa encontrar formas diferentes de ver e interferir na sociedade. Para dar conta da realidade, há a necessidade de construir-se um currículo que leve em conta a realidade bem como os conteúdos básicos e clássicos que farão parte do fazer pedagógico das salas de aula.

Assim, pode-se observar o que diz a proposta curricular, para o ensino médio, do colégio onde se realizou a pesquisa:

Planejar o currículo implica escolher, selecionar e tomar decisões educacionais, baseadas numa filosofia educacional coerente, muito bem analisada, que identifique e concilie as necessidades da sociedade e do educando. É uma constante redescoberta; é um ir e vir (Proposta Curricular, p.124, 2008).

Fazer escolhas é de fundamental importância na construção de um currículo cuja finalidade é a formação do ser humano ético, autônomo e com conhecimentos científicos para a realização de suas próprias escolhas.

Para que a escola possa construir a sua identidade, deverá ter como referência o grupo e o meio no qual está inserida.

Para a construção da autonomia, todos os envolvidos no processo educativo precisam assumir o compromisso com uma proposta de real aprendizagem dos alunos, negando o populismo, o centralismo e o democratismo.

Na escola, não existe espaço apenas para a transmissão do conteúdo por si só,

do conteúdo pelo conteúdo; é necessário trabalhar as dimensões pessoais, sociais e culturais do sujeito.

O contexto de cidadania será concebido à luz das práticas sociais, políticas, culturais e de comunicação dos sujeitos, articuladas às dimensões cotidianas dos mesmos. A escola é vista como um espaço que gera transformação individual e social.

Compreender as múltiplas causas e os fatores que intervêm na sociedade e na escola são tópicos norteadores de todas as disciplinas. Trabalhar as diferenças necessárias à construção do conhecimento é tarefa que cabe à escola.

As concepções de homem e de mundo se fazem através da maneira como vivemos, como buscamos nossos ideais e como construímos nossas crenças e valores em sociedade.

Podemos afirmar que todas as organizações e o funcionamento da sociedade exercem, de uma forma ou de outra, influência sobre a educação, na medida em que representam as criações humanas que são transmitidas de geração a geração através das relações sociais. Nesta forma de educação, ocorrem as influências da família, dos grupos sociais, do trabalho, da religiosidade, das crenças, do trabalho e de todos os ambientes que fazem parte da vida do ser humano.

Assim, pode-se dizer que a educação é, muitas vezes, confundida com escola. A educação não é necessariamente institucionalizada, ou seja, não há necessidade de ocorrer em um espaço definido, com tempos determinados, nem tampouco com uma forma padrão e/ou com normas que a estruturam. Muitas pessoas são educadas através da educação informal, sem nunca terem ido à escola.

Pode-se afirmar que a diferença entre educação escolar e a educação que ocorre nos mais diversos espaços está na forma de sua organização. A escola cumpre um programa formal, específico e intencional, enquanto que as demais organizações cumprem um papel educacional de maneira informal. A escola tem como principal objetivo transmi-

tir o conhecimento produzido cientificamente e acumulado pelos homens através dos tempos.

A função social da escola consiste em promover mudanças nos sujeitos e na realidade. A instituição escolar servirá tanto para manter relações sociais injustas quanto para a transformação destas relações.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono. Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente (FREIRE, p. 76-77, 2008).

Concordando com Freire, observamos que o homem deve ser sujeito da sua própria história e a forma como a escola desempenha a função social poderá contribuir na construção de um sujeito capaz de compreender e melhorar, através do conhecimento, o mundo em que vive. Por isso, não se pode aceitar a escola como espaço de alienação, de controle social.

Ainda baseado no texto de FREIRE, 2008, podemos dizer que a escola é sim local de contradições e antagonismos, e deve ser também palco para a criação de situações pedagógicas que promovam as mudanças necessárias para uma sociedade mais igualitária.

Por isso, é necessário compreender que cabe à escola a tarefa de educar e ensinar, sendo que esta tarefa recai especialmente na forma como o professor desempenha o papel de articulador do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, o trabalho escolar não é neutro. O professor não age com neutralidade.

Tudo o que acontece na educação, os objetivos e conteúdos que são selecionados, as formas de ensinar e aprender que são escolhidas, as relações que se estabelecem entre professores, alunos, direção e comunidade, entre outros, está

relacionado à determinada maneira de pensar. O mundo da educação não é como ingenuamente se pensou tempos atrás: um espaço autárquico, solitário e independente, desligado de outros espaços: do trabalho, da política, da economia, etc. Ao contrário, a educação está assentada em um conjunto social mais amplo, ligando uma rede de relações complexas, nem sempre expressas.

A tarefa delegada às escolas deve ser, então, a de utilizar-se dos conhecimentos filosóficos, para realizar uma prática capaz de transformar os conhecimentos científicos em conhecimentos capazes de gerar transformações nas ações das pessoas. A educação, como co-responsável pela ação transformadora, fundamentada no conhecimento teórico, deverá ser capaz de oportunizar conhecimentos para gerar ações que transformem a humanidade. Não é meramente através do conhecimento pedagógico que podemos conceber as mudanças na sociedade. Mas, através da transformação do conhecimento filosófico e científico, poderemos encontrar mecanismos para que a práxis possa acontecer de fato. A educação, dessa forma, é a responsável para educar para a razão e não a responsável para a transformação da humanidade. Vázquez, considerando a teoria de Marx, afirma:

por si própria, a teoria é inoperante, ou seja, não se realiza; sua eficácia é condicionada pela existência de uma necessidade radical que se expressa como crítica radical e que, por sua vez, torna possível sua aceitação (VÁZQUEZ, p. 117, 2007).

Podemos, então, afirmar que esse trabalho considera a práxis como categoria, assim como já fora apresentada por Vázquez. A escola é o grande campo da realização da filosofia da práxis. As atividades realizadas no interior das salas de aula devem ser atividades que sejam práxis, pois nem toda atividade o é.

Compreendemos, baseados em Vázquez, 2004, que práxis “é toda atividade humana transformadora da natureza e da sociedade” (p.109). Se levarmos em

consideração as atividades desenvolvidas nas escolas, de maneira geral, percebemos que a práxis, defendida por Marx, está distante de ocorrer.

Neste sentido, podemos compreender Paulo Freire quando nos diz que a educação é uma forma de intervir no mundo.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, p.110, 2002).

Como educadores, precisamos assimilar que a educação não é tarefa que deve ser desempenhada na neutralidade e sim que exige de nós uma tomada de posição. Para ser professor, é necessário que façamos escolhas e realizemos a práxis necessária para a construção de uma sociedade capaz de fazer suas próprias escolhas.

Assim, Freire afirma que, para cumprir com decência a profissão de educador, é necessário:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade (FREIRE, p.103, 2008).

O professor, dessa forma, há de ter clareza sobre os conteúdos a serem ensinados bem como terá um posicionamento coerente entre o necessário e o ético em educação.

Por ética no trabalho, entende-se o respeito aos conteúdos necessários, aos conhecimentos clássicos que devem permear os currículos escolares; o fazer com que as aulas sejam ricas em conteúdos essenciais e que, dessa forma, se distinga entre o que é primordial e para o qual a escola existe e o que é secundário, ou seja, trabalhos

realizados no interior das salas de aula que não levam ao conhecimento elaborado cientificamente.

Assim, pode-se compreender as diretrizes curriculares estaduais do estado do Paraná, que dizem:

Essa concepção de escola orienta para uma aprendizagem específica, colocando em perspectiva o seu aspecto formal e instituído, o qual diz respeito aos conhecimentos historicamente sistematizados e selecionados para compor o currículo escolar. Nesse sentido, a escola deve incentivar a prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando concepções de ensino, de aprendizagem (internalização) e de avaliação que permitam aos professores e estudantes conscientizarem-se da necessidade de “uma transformação emancipadora (DCE - PR, p.15, 2008).

Utilizar-se de diversas formas de ensinar um mesmo conteúdo e a forma como o professor organiza sua prática docente, parece-nos o diferencial entre a educação informal e a educação escolar.

Realizar uma educação para todos, independentemente de sua condição social, econômica, étnico e cultural é tarefa essencial da escola. O trabalho pedagógico deve ser realizado, apontando na direção da totalidade do conhecimento e da relação deste com o cotidiano.

Para as diretrizes curriculares estaduais, a escola deverá ter como principal tarefa transmitir os conhecimentos historicamente produzidos pelo homem, mas também deverá ser espaço de criação de novos conhecimentos, tornando-se imprescindível a realização do processo criativo. O conhecimento é histórico, não estanque, nem cristalizado. Por isso, a educação é um processo dinâmico e processual.

As DCEs do Estado do Paraná, que foram construídas levando em consideração as teorias críticas, orientam que

o conceito de contextualização propicia a formação de sujeitos históricos – alunos e professores que, ao se apropriarem do conhecimento, compreendem que as estruturas sociais são históricas, contraditórias e abertas. É na abordagem dos conteúdos e na escolha dos métodos de ensino advindos das disciplinas curriculares que as inconsistências e as contradições presentes nas estruturas sociais são compreendidas (DCE, p.30, 2008).

Na perspectiva das diretrizes curriculares, a escola pesquisada elaborou as propostas pedagógica e curricular, tendo a clareza de que deverá praticar a teoria histórico-crítica nas salas de aula, bem como nas formas de relacionamento entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

2. A REALIDADE: A ESCOLA PESQUISADA

Ao observarmos a realidade de nossas escolas, podemos perceber que a prática existente nelas parece afastada da visão de práxis fundamentada por VÁZQUEZ (2007). Na perspectiva do autor, a práxis é concebida como atividade transformadora, a relação entre a prática e a teoria devem gerar ações transformadoras. A teoria, neste campo, tem a missão de garantir subsídios para a realização da prática e, com isso, concretizar-se a práxis.

Assim como para Marx, (Apud. VÁZQUEZ, 2007) compreende-se que a teoria sem uma prática poderá ser considerada sem valor, ou seja, inoperante. Por outro lado, a prática pela prática, sem a teoria, poderá também ser sem eficácia. Assim, Vázquez, citando Marx, afirma que “a práxis é, portanto, a revolução, ou crítica radical que, correspondendo a necessidades radicais, humanas, passa do plano teórico ao prático” (VÁZQUEZ, p. 117, 2007).

Seguindo as orientações das diretrizes estaduais do Paraná, os conteúdos ensinados na escola devem formar um sujeito ciente do seu tempo histórico, que saiba compreender as relações sociais e, acima de tudo, que possa atuar no mundo e dele

participar.

Assim, definir os conteúdos e como eles devem ser ministrados é uma opção política que, de forma alguma, poderá ser neutra, garantindo que as oportunidades sejam iguais para toda a sociedade. Para isso, é necessário que o currículo da Educação Básica dê sustentabilidade a fim de que a escola assuma seu lugar de socialização do conhecimento, uma vez que, para muitas crianças e jovens, ela é a única forma de encontro com o mundo letrado, onde se obtém o conhecimento cientificamente elaborado.

Para que aconteça a aprendizagem na escola, é necessário que os conteúdos nela trabalhados sejam ministrados de forma contextualizada, estabelecendo relações com a vida do aluno, por meio de práticas pedagógicas que utilizam diferentes metodologias.

A escola da atualidade, muitas vezes, utiliza, nas relações entre professor e alunos, estratégias e metodologias da Escola Tradicional e Tecnicista.

Saviani afirma que a pedagogia tradicional “se inspira diretamente na concepção humanista tradicional de filosofia da educação” (SAVIANI, p. 382, 2007).

Apesar de essa tendência ter sido iniciada no século XIX e ter tido o seu apogeu no século XX, pode-se observar ainda, no interior das salas de aula, que um número muito grande de professores utiliza esta pedagogia para realizar a tarefa de ensinar.

A pedagogia tecnicista tem como principal função modelar o comportamento humano através de técnicas específicas e produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho. Também esta se faz muito presente no cotidiano das salas de aula. Saviani diz que “de modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico” (SAVIANI, p.379, 2007).

Portanto, é necessário apontar novas formas de ensino-aprendizagem, trabalhar com os alunos reais os conteúdos clássicos e, como diz Saviani, deixar o secundário em segundo plano e não fazer deste a essência da sala de aula.

Para melhor compreensão de como se dá este processo, realizou-se a pesquisa que passaremos a descrever.

3 APONTANDO PROBLEMAS E FAZENDO A ANÁLISE DE DADOS

Ao propormos a realização da pesquisa junto aos alunos, professores, equipe pedagógica e pais do Colégio Estadual Carlos Zewe Coimbra, aplicamos questionários a todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem do referido estabelecimento.

Realizamos a pesquisa por meio de questionários semiestruturados para cinquenta e três alunos das 3ª séries do Ensino Médio, matutino, dezoito professores, quatro profissionais que atuam na direção e na equipe pedagógica e vinte e sete pais de alunos. Dos professores entrevistados, dez são regentes das turmas e oito são professores que participaram do grupo de estudo de implementação ao projeto.

As questões, referentes à prática escolar de sala de aula, foram elaboradas levando-se em conta o projeto elaborado para o PDE.

Ao questionarmos os alunos se os professores se utilizam, além do livro didático, de materiais diversos em sala de aula para o desenvolvimento de suas aulas, os resultados foram os seguintes: sim, treze alunos; não, dez; e, raramente, trinta alunos.

Também questionamos se, além da cobrança das notas e da aprovação, os professores apresentam incentivos para que eles estudem para aprender o conteúdo: trinta e dois disseram que sim; doze que não; seis disseram que raramente o professor realiza algum tipo de incentivo além da nota, e três alunos não responderam a questão.

Também fizemos a afirmação: “para alguns autores, o bom professor constrói a aula com seus alunos, ou seja, o aluno faz a aula e não apenas assiste à aula”. E, na sequência, questionamos se eles têm professores que trabalham desta forma.

As respostas foram: oito alunos disseram que apenas um professor ministrava a aula fazendo dela uma construção. Vinte e nove alunos afirmaram que dois a cinco

professores ministravam as aulas com base na construção com seus alunos. Cinco alunos disseram que todos os professores ministravam suas aulas baseados na afirmação e onze alunos afirmaram que nenhum professor realizava as suas aulas desta forma, ou seja, fazendo com que os alunos participassem ativamente do desenvolvimento da aula.

Como podemos observar, as salas de aula, muitas vezes, ainda são como as do século XX e, em alguns casos, o que é mais preocupante: muito se assemelham as do século XIX.

Das respostas obtidas, percebemos que os incentivos ainda são do tipo: “estude para ser alguém na vida” e, ainda, “estude para ter uma profissão digna e não trabalhar para os outros”, como se a escola fosse a única a garantir um bom emprego, um salário justo e uma vida com maior dignidade e que trabalhar “para os outros” não é algo corriqueiro e presente no mundo atual. Este é o discurso das classes dominantes e que faz parte da cartilha de muitos educadores e da filosofia de muitas escolas.

Pelos discursos acima, percebemos o quanto a escola ainda cumpre o papel de trabalhar a favor do capitalismo e do seu sistema.

Podemos dizer que, com base nas afirmações dos alunos, não existe o uso de materiais diversos para o ensino de conteúdos. O livro didático e as apostilas continuam sendo as ferramentas utilizadas, inseparáveis do professor no seu uso diário.

Ainda no decorrer das observações realizadas, pudemos constatar que os materiais de apoio pedagógico, tais como mapas, jogos pedagógicos, laboratório de química, física e ciências, além de outros, são pouco, raramente ou não utilizados pelos professores das mais diversas áreas, apesar de o estabelecimento contar com o material e este estar à disposição dos mesmos para o enriquecimento de suas aulas.

Registramos a fala de alguns alunos, que estudam há três anos no estabelecimento e que estão cursando o 1º ano do Ensino Médio, de que não conhecem

o laboratório de química, física e ciências.

No cotidiano da escola, podemos verificar que muitos professores encontram barreiras para a utilização, principalmente do laboratório de física e química, por diversos motivos. O colégio dispõe de uma funcionária de execução que é responsável pelo atendimento no laboratório; no entanto, esta profissional desempenha a função por apenas doze horas semanais e não está à disposição nos dias em que são ministradas as aulas destas disciplinas. Outro agravante é o número de alunos em cada turma, dificultando assim a permanência de todos os alunos, ao mesmo tempo, no laboratório.

Os professores alegam também o pouco tempo de que dispõem para o preparo das diversas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, ou seja, as horas-atividade são insuficientes para a demanda do professor que tem, muitas vezes, dezesseis turmas diferentes para ministrar aulas. Alegam ainda que o trabalho burocrático de preencher livros de frequência, atendimento a pais, preparação de avaliações e recuperações paralelas demandam grande parte da carga horária do professor. Um professor que ministra aulas no ensino médio, com exceção das disciplinas de Português e Matemática, para cumprir a jornada de quarenta horas, precisa ministrar aulas para dezesseis turmas, sendo então 32 horas em sala de aula e 08 horas para a realização das horas-atividade.

Assim mesmo, o discurso dos professores é de que utilizam diversos materiais de apoio na prática da sala de aula. Quando questionados sobre quais seriam estes materiais, todos afirmaram que utilizavam de vários recursos, sendo que a TV multimídia apareceu em quase todas as respostas. Além desta, percebeu-se dificuldades para o uso de materiais que não o livro didático.

Pelas respostas abaixo, podemos afirmar que os alunos têm razão em dizer que as aulas, muitas vezes, são monótonas e até “chatas”.

Lista de materiais que os professores afirmam utilizar em sala de aula:

- a) “Giz, quadro e TV pendrive”.
- b) “Às vezes, a TV pendrive”.
- c) “Principalmente a TV multimídia e o livro didático público, além de filmes, documentários e textos”.
- d) “Livro didático, atlas e TV”.
- e) “Uso de materiais produzidos pelos alunos para aulas no Ensino Médio, conforme o conteúdo. No ensino fundamental, eu prefiro preparar os mesmos. Em ambos os casos, mais direcionados ao estudo de geometria”.
- f) “TV, livros para pesquisa”.
- g) “Tabelas, artigos, materiais didáticos como jogos e modelos moleculares”.
- h) “TV pendrive, multimídia, filmes em DVD”.
- i) “Pendrive, mapas, livros didático”.
- j) “Laboratório de ciências e vídeos, revistas (superinteressante, revista hoje criança) mapas, microscópio”.
- l) “Vídeo, TV laranja, rádio e CD”.
- m) “Livro didático, tabelas, TV pendrive, vídeo”.
- n) “Mídia, televisão, internet, TV pendrive”.
- o) “Vídeo, TV pendrive, livro didático e da biblioteca”.
- p) “Livro didático, fontes orais, escritas e imagéticas, mapas e filmes”.
- q) “Mapas, vídeos, TV pendrive, livro didático”.
- r) “Objetos, reais”.
- s) “Livros, vídeos, revistas”.

Também questionamos os alunos se a escola ensina conteúdos importantes para a vida, e que citassem conteúdos que foram ensinados na escola e que foram importantes para sua formação e/ou para sua vida. A grande maioria, ou seja, cinquenta e um alunos afirmaram que os conteúdos ensinados são importantes e apenas dois disseram que não.

Quanto aos conteúdos, muitos citaram o nome de disciplinas e não os conteúdos em si. Nas respostas, os cálculos, a leitura e a escrita foram citados com muita frequência.

Algumas respostas dadas pelos alunos:

- a) “Ler para mim é tudo, me ajuda muito”.
- b) “Estudei a natureza, aprendi a fazer contas, aprendi a língua e a escrevê-la”.
- c) “Cada momento é importante, é só saber aproveitar. Temos mais aprendizagem com os nossos erros e conforme o tempo passa”.
- d) “Em geografia, estudamos a sociedade e o capitalismo que nos envolve no cotidiano”.

Os professores dizem que a “maioria” dos conteúdos são importantes e necessários para a preparação dos alunos para enfrentarem os problemas que a vida proporcionar. Pela análise feita, pode-se concluir que os professores, assim como os alunos, também têm dúvidas sobre a importância que tem os conteúdos ministrados.

Se considerarmos a função social que a escola deve cumprir, percebemos que ainda existem conteúdos sendo ministrados sem um real significado para a vida dos estudantes, ou sua aplicabilidade para a solução dos problemas.

Para a realização da pesquisa, foi proposto que os professores enumerassem, conforme a ordem de importância, qual seria a função social que a escola deveria ter. As alternativas para a questão foram: ensinar os conteúdos propostos; garantir a transformação de seus alunos através do conhecimento; preparar os alunos para o mercado de trabalho; e preparar o aluno para a continuidade dos estudos.

A maioria dos professores acredita que a função social a ser cumprida pela escola é a de garantir a transformação de seus alunos através do conhecimento. Apenas um professor disse que a tarefa mais importante a ser desenvolvida pela escola é a de preparar os alunos para a continuidade dos estudos. As demais alternativas foram uma

mescla sobre o grau de importância, demonstrando assim que não existe unanimidade em relação às demais alternativas. Pode-se, então, dizer que, para os professores pesquisados, a escola tem a função de ensinar conteúdos que sirvam de parâmetros para fazer escolhas e opções baseados em conhecimentos científicos.

Para os alunos, a preocupação maior é com a continuidade dos estudos, ou seja, a preparação para o vestibular. “Muitas coisas, mas o mais importante é o que ensina para o vestibular”. “Muitas coisas não usarei na vida, mas no vestibular”, são as afirmações mais comuns feitas por eles.

Pelas respostas dos alunos, podemos afirmar que a continuidade dos estudos é importante e que nem tudo o que se ensina na escola é útil para a vida diária. Muitas vezes, são ensinados conteúdos distantes da realidade dos alunos ou da sociedade, para apenas preparar os mesmos para a competição existente nos concursos vestibulares. Nestes, também os conteúdos essenciais à formação do ser humano estão distantes.

A preparação para o vestibular também é o grande anseio dos pais. Quando questionados sobre a principal função da escola, catorze respostas, de um total de vinte e sete, apontam que a escola deve preparar o aluno para enfrentar o vestibular. Além da opção acima, os pais tiveram uma grande preocupação em relação aos valores morais, à ética, enfim, o saber escolher entre o certo e o errado.

No entanto, percebemos que, ao mesmo tempo em que existe a preocupação com o filho preparar-se para a continuidade dos estudos, ainda não está desmistificada a questão da importância das disciplinas que compõem a matriz curricular. Podemos afirmar isso, com base nas respostas dadas pelos pais sobre a importância das disciplinas ministradas para o ensino médio. Quando questionados sobre que disciplina é a mais importante, Língua Portuguesa foi apontada por vinte e dois pais como a de maior importância; a Matemática foi considerada a segunda disciplina mais importante, apontada por catorze pais. Algumas disciplinas não foram citadas e apenas um pai disse

que todas eram importantes.

Na análise das respostas, percebe-se que a leitura, a escrita e o cálculo são consideradas relevantes para a grande maioria dos pesquisados. Assim, fica evidente que muitos, apesar de acharem que a função da escola é preparar seus filhos para o vestibular, não compreendem que todas fazem parte do rol das disciplinas avaliadas no concurso vestibular e que são eliminatórias, independentemente da importância dada.

Com relação ao perfil dos professores, os alunos afirmaram que a maioria dos professores está preparada para ensinar os conteúdos, porém existem professores que não estão preparados ou não se preparam para adentrar em uma sala de aula.

Quanto ao desempenho, a forma como os professores se preparam e como se relacionam com seus alunos, as respostas foram bastante unânimes, principalmente quando descrevem o professor inesquecível, ou seja, aquele que deixa “marcas” em suas vidas. Foram diversas as citações, mas a frase que foi citada com maior frequência foi a do professor amigo, compreensivo, de bem com a vida, respeitador e que, ao mesmo tempo, é competente no exercício de sua função. Algumas frases foram marcantes:

a) “Além de professor, torna-se um amigo para a vida toda. Que tem amor pelo que faz e sempre está tentando melhorar”.

b) “Aquele que tem o controle psicológico, que faz o aluno participar das aulas, que é carismático”.

c) “É determinado e decidido, ensina bem, além de ter boa amizade com os alunos, tem uma boa conversa”.

d) “Ensina, chama a atenção quando precisa e é amigo dos alunos, se importa com o aprendizado do aluno e não com as notas”.

e) “Nos marca com lembranças boas, nos passa o conhecimento de maneira dinâmica, amigo do aluno”.

f) “Que sabe explicar bem a matéria, que te ensina sem reclamar, e que não fica

falando se ganha pouco ou muito”.

g) “Nunca tive um completo, mas é aquele que não segue um padrão estipulado e sim, que dá mais que a sua aula, aquele que ajuda o aluno em qualquer situação”.

h) “Tem autoridade com os alunos e não desconta seus problemas diários em ninguém. Se mostra autoritário, mas não é estúpido, ignorante com os alunos”.

i) “Se valoriza primeiramente, tem como objetivo passar o que é certo para os alunos, faz com que seus alunos aprendam de uma maneira simples e tem uma relação boa com os alunos”.

Pelas citações, podemos observar que o aluno deseja um professor competente, enérgico e que exerça a sua função com alegria.

Na visão dos pais sobre o preparo dos professores, as respostas dadas foram bastante heterogêneas: seis disseram que todos os professores estão preparados para ministrarem as aulas; onze afirmam que a maioria está preparada; quatro dizem que apenas alguns estão preparados; quatro afirmam que os professores poderiam preparar-se melhor e dois não responderam a questão.

Os professores dizem que os alunos deveriam ser mais comprometidos e ter maior empenho na tarefa que lhes cabe, ou seja, adquirir novos conhecimentos. Afirmam ainda que, na escola da atualidade, há muito a ser feito, apesar de ter avançado em relação ao passado. Outros, sentem-se cansados, dizem que não conseguem ministrar aulas com o mesmo empenho e dedicação de tempos anteriores.

Na fala dos professores, pôde-se constatar isto com facilidade: “Os alunos deveriam participar mais, dando opiniões, discordando, porém com criticidade”. “Com o passar dos anos, parece que se regride ao invés de progredir”. “A escola carrega nas costas muitas funções, o que põe em questão seu desempenho”.

Vemos que, na visão de educadores, pais e alunos, existe o propósito de querer uma escola onde todos possam realizar a sua função e cumprir com êxito a tarefa a cada

um delegada.

Além disso, percebe-se que os alunos têm clareza acerca da necessidade do professor preparar-se com empenho para adentrar em sala. Muitos alunos dizem que não existem aulas com atividades criativas e que os motivem para a aprendizagem.

Também, ainda temos professores que têm dificuldade para compreender a real importância dos conteúdos ministrados. Preocupam-se, sobremaneira, em ministrar aulas sem, muitas vezes, questionar-se e/ou dar vida ao conteúdo, ao transpô-lo para a realidade dos alunos.

A questão sobre como seria um bom aluno, também foi feita aos alunos. A maioria respondeu que bom aluno é aquele que participa, presta atenção, coopera na disciplina, se organiza. Aquele que coopera na disciplina foi citada pela maioria dos entrevistados.

Alguns dizeres dos alunos:

a) “Aprende, se interessa pelos conteúdos, e age conforme as aulas, que não precisa ter 100 no boletim, mas que saiba entender o mundo”.

b) “Estuda, coopera pra ter uma boa aula, faz trabalhos e deveres o melhor que pode”.

c) “Que coloca o ensino em primeiro lugar, porque são raros os alunos que vem para bagunçar, porque um bom aluno hoje, faz um bom homem amanhã”.

d) “Sabe onde está e o que terá que fazer, respeitar, saber ouvir e falar na hora certa, entender as matérias e ser muito dedicado”.

A fala dos professores muito se assemelha a dos alunos, quando estes dizem que o bom aluno é:

a) “Crítico, com independência nos estudos, até um pouco autodidata, futurista, sabendo a necessidade de ser um CDF hoje para ser patrão amanhã”.

b) “Com compromisso e responsabilidade no seu papel de aluno”.

c) “Um aluno que se mostrasse interessado em aprender e estudasse, levando o ensino a sério e respeitando o professor”.

d) “O aluno interessado, com sede de saber, o que tem sonhos e almeja um futuro promissor, o que quer ter capital cultural”.

Pelas citações, podemos dizer que tanto os professores como os alunos afirmam que a dedicação, por parte dos alunos, deve ser de forma organizada, e que os envolvidos no processo de aprendizagem sejam comprometidos e que tenham, acima de tudo, objetivos a serem alcançados.

Por outro lado, pedimos aos professores que descrevessem o aluno para quem estão ministrando suas aulas. Algumas citações foram:

a) “Um misto de alunos compromissados com alunos alienados à sua condição de aluno”.

b) “São alunos que esperam tudo do professor. É a famosa “educação bancária” de Paulo Freire. Conversam muito, não colocam o estudo como algo prioritário, o que o professor fala, eles aceitam”.

c) “Realizam as atividades somente porque “valem nota”, caso contrário, não as fariam”.

d) “A maioria dos alunos vem à escola para estudar, mas quando chega à escola, só estuda e faz as atividades quando está sendo cobrado”.

Com base nas afirmações, podemos dizer que as avaliações são um forte aliado dos professores que, em sua maioria, só conseguem êxito em suas tarefas quando há uma cobrança de “notas”.

O processo de ensino-aprendizagem somente ocorrerá se ambos os envolvidos tiverem objetivos em comum, dedicando-se de forma integral.

Com relação à escola e como esta deve ser, a maioria dos alunos aponta que ela deve ter professores e funcionários qualificados, e que a forma como ensina é que é

primordial. Desejam uma escola com uma boa estrutura física e que, acima de tudo, seja uma escola com boas condições de aprendizagem.

Algumas citações merecem ser observadas:

a) “É aquela em que temos vontade de acordar e vir pra ela. Com professores que não ensinam de má vontade quando tem que explicar melhor o conteúdo e com lanches melhores”.

b) “Ensina muito bem e a aprendizagem é muito boa”.

c) “Faz o que pode para manter o bem estar dos alunos, professores e funcionários”.

d) “Nos auxilia, nos incentiva, passe matérias para a nossa educação, ambiente conservado, com professores e funcionários qualificados”.

e) “Se dedica integralmente em buscar todo tempo de estudo, que possa ajudar seus alunos. Também tem que ter uma boa estrutura, bons professores, e pessoas dedicadas a ensinar”.

f) “Uma escola cheia de proibições não é escola, mas também sem regras ela não vai pra frente. A escola tem que buscar várias informações que faça o aluno entender e estar informado no dia a dia”.

O anseio dos alunos é que a escola seja um lugar agradável, com profissionais capacitados, onde o aluno se sinta bem para a realização da aprendizagem.

Os professores acham que a escola, tal como está, precisa com urgência encontrar meios para o resgate da função para a qual se propõe. Formar o cidadão, dotá-lo de conhecimentos científicos e deixar de realizar a função de dar “educação” e “limites” para os alunos. A escola, na visão dos professores, deveria ter uma boa estrutura física e ser equipada com materiais necessários para o desenvolvimento de suas aulas. Também defendem que eles deveriam ter mais tempo para o preparo de atividades, devido ao grande número de turmas que cada um assume. Dizem, ainda, que a participação da

família deveria ser maior. “A escola é um conjunto com várias funções, e o que falta na escola é a função dos pais educarem seus filhos, pois nós só repassamos conhecimentos. Em vez de continuar repassando os conhecimentos, nós temos que trabalhar regras básicas de educação”.

Com base na colocação dos professores, pesquisamos, então, a participação da família, na educação formal de seus filhos.

A LDBEN 9394/96 e a Constituição Federal de 1988 fazem referência à família como sendo, juntamente com o Estado, a grande responsável pela educação de crianças e jovens.

Questionamos os alunos sobre como a família participa da vida escolar deles. A maioria afirma que os pais participam perguntando como estão na escola, e participando das reuniões de entrega de boletins. Também ocorreram afirmações dizendo que a família pouco ou não se interessa pelos estudos.

Na análise feita, percebemos que a educação deve ser compromisso de todos os envolvidos e, neste campo, há muito que ser feito. Esta tarefa não deve apenas estar delegada à escola; há a necessidade de que os envolvidos sejam aliados e que todos assumam o papel que cabe a cada um e não apenas atuem como coadjuvantes no processo educativo.

No questionamento feito aos pais, dos cinquenta e três questionários encaminhados através dos alunos, apenas vinte e sete retornaram. Foram feitos diversos questionamentos com relação à escola onde o filho estuda, levando-se em conta o objetivo principal: a prática de sala de aula, o processo ensino-aprendizagem e a participação deles na vida escolar do filho.

Constatamos que a maioria conhece a escola do filho, que procura participar da vida escolar dele (buscando o boletim no dia e horários marcados, procurando inteirar-se da vida escolar do filho). Afirmam, também, que a escola de hoje é melhor do que aquela

que eles estudaram. Outros também disseram que ela poderia ser melhor, que os professores poderiam estar melhor preparados, pois, existem, na visão deles, alguns professores que deixam um pouco a desejar.

Quando perguntados sobre a motivação que eles têm para participar da escola, a maioria afirma que se sente motivada, apenas quatro disseram que não há esta motivação. Quando interrogamos se gostariam de participar mais da escola, catorze disseram que gostariam e os demais, ou seja, treze pais informaram que não gostariam de participar da escola. Com as respostas dadas, podemos entender que a tarefa educacional é realizada solitariamente e/ou com o apoio da minoria dos pais.

Os pais também elegeram qual instituição que, na visão deles, prepara melhor o filho para o futuro. Por unanimidade, afirmaram que a família é a que garantirá um melhor preparo para a vida, elegendo a escola e a igreja quase que no mesmo grau de importância, em segundo e terceiros lugares. Pelas respostas, poderíamos dizer que os valores éticos e morais são mais importantes do que o conhecimento científico por ele mesmo. Afirmamos isto com base em um outro questionamento que pedia qual seria, na visão deles, a principal tarefa da escola. Os resultados ficaram divididos entre os que afirmaram que ter ética e ser um cidadão que saiba escolher entre o certo e o errado, e os que disseram que a função da escola seria ensinar a encarar a vida com sabedoria e a enfrentar o vestibular.

Existem, na verdade, muitas contradições entre qual a tarefa que cabe a cada uma das instituições constituídas. O que se observa é que muitos pais querem que a escola seja o lugar de transmissão dos conhecimentos científicos, mas que também assuma a responsabilidade de educar para os valores éticos e morais.

A escola cumpre várias atividades alheias à função do ato de ensinar e aprender e, muitas vezes, deixa de cumprir a função a que se propõe. Não devemos perder de foco que o saber elaborado cientificamente deve ser o norte e a função que a escola

deverá proporcionar.

Alguns fatores interferem negativamente no processo do desenvolvimento com êxito, da função escolar, tendo como base o cumprimento do que a legislação exige. Alunos e professores dizem que há falta de professores e o calendário escolar deixa de ser cumprido na sua integridade em todas as turmas.

As faltas dos professores é algo comum e acontece com certa frequência. O ano de 2009 foi, sem sombra de dúvida, um ano em que tivemos várias situações de dispensas de aulas.

No início do ano, enfrentamos o problema com a falta de contratação de professores para ministrar aulas, principalmente para as disciplinas nas quais não há professores efetivos para o suprimento.

Na sequência, tivemos a seleção de professores para o PDE e oito professores do colégio pesquisado foram substituídos. Apesar da substituição ser imediata, foram professores novos que chegaram no mês de maio para substituir professores com quem as turmas já estavam habituadas e em sintonia. Sempre que ocorre uma substituição, demora algum tempo para que ocorra a interação entre professor e aluno.

No mês de junho, o prédio foi cedido para alojamento dos atletas dos jogos escolares.

Em julho e agosto, tivemos a dispensa das aulas devido à influenza H1N1 (Gripe A). Na reelaboração do Calendário Escolar, para garantir o cumprimento dos dias letivos e a carga horária, houve aulas aos sábados e recessos, dias em que muitos alunos não comparecem e, quando comparecem, estão descompromissados e desmotivados.

Temos ainda as faltas por atestados médicos e/ou problemas particulares.

O questionamento aos alunos e professores fora realizado antes das dispensas acima citadas e os alunos afirmam que já haviam tido várias faltas de professores para participarem de cursos, por atestados médicos, bem como atrasos para adentrar em

sala. É necessário rever os critérios adotados para a contratação de professores, no início do ano letivo, e também disponibilizar mais profissionais para o atendimento aos alunos.

Outro agravante é a ocupação do tempo por parte de professores e alunos com atividades estranhas ou alheias à tarefa de ensinar e aprender.

Quando questionamos os alunos sobre “com que atividade extra o professor mais se ocupa”, a grande maioria, ou seja, quarenta e um alunos, dos cinquenta e três pesquisados, disseram que é comum os professores fazerem a interrupção das aulas para chamar a atenção de alunos, ou seja, a “indisciplina”, da forma como o docente a concebe, é um fator negativo presente no cotidiano escolar.

No questionamento feito aos alunos, eles próprios dizem que se envolvem, frequentemente, com atividades estranhas e as conversas paralelas foram citadas por quarenta e um dos entrevistados.

Atividades extraclasse também estão presentes na escola. Vemos atividades sem cunho pedagógico sendo realizadas e, com o passar do tempo, assumidas pela escola como sendo atividades de sua responsabilidade. Eis algumas citadas pelos alunos: Gincana para arrecadar produtos para a realização da festa junina; rifas para arrecadar fundos para a formatura e manter a escola; filmes sem objetivo, apenas para ocupar o tempo das aulas; palestras; campanha de vacinas; campanhas de combate à Dengue; propagandas de cursos, etc.

Os professores endossam a fala dos alunos, afirmando que existem várias atividades desenvolvidas que até possuem cunho educativo, porém sobrecarregam a escola. Esta passa a assumir responsabilidades que, não sendo suas, fazem com que as atividades pedagógicas sejam cumpridas com menor intensidade e relegadas à segunda instância.

Assim sendo, a maioria dos alunos e professores disseram que o calendário escolar não é cumprido na sua íntegra, deixando a desejar.

As equipes pedagógicas dizem que a falta de professores e funcionários as sobrecarregam com atividades de substituição e gerenciamento, e que, em virtude disso, não conseguem desempenhar suas funções de orientação e acompanhamento da execução do planejamento dos professores e alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise feita por meio do estudo realizado, podemos tecer algumas considerações que, no nosso entendimento, são fundamentais para a garantia de uma escola de qualidade. Percebemos que a escola precisa encontrar formas para garantir que professores e alunos assumam que o conhecimento é a principal tarefa a ser desempenhada, sem, contudo, responsabilizar os pais, professores ou os alunos pelas mazelas encontradas na escola.

Tendo a concretude da realidade capitalista como fundo de toda e qualquer discussão e apontamento, e, por isso, um limitador de qualquer proposta efetiva de mudanças estruturais, há de se compreender que existem possibilidades de avanços e de análises que podem contribuir com alguns enfrentamentos político-pedagógicos no que tange especificamente à função social da escola, à especificidade e à natureza do trabalho educativo.

Alguns pontos ficam mais evidenciados quando se trata da parte estrutural da escola, do suporte humano para realização da tarefa educativa. A falta de professores é fator de interferência negativa no cotidiano escolar. Percebemos que, embora necessários e obrigatórios, os cursos de aperfeiçoamento profissional oferecidos pela SEED, durante o ano letivo, causam prejuízo à organização do trabalho escolar. Além disso, deixa-se de ministrar aulas e a escola precisa garantir que o aluno as tenha, com o professor da disciplina, em todos os dias letivos do ano.

As capacitações que, a nosso ver, são direito e dever de todos os profissionais, devem ser realizadas de forma a garantir professores em sala de aula em todos os dias letivos. A escola deverá assumir sua competência educativa, transmitindo conhecimento e não apenas informações, na qual todas as atividades desenvolvidas na escola sejam para garantir a aprendizagem e que tenham como objetivo maior a compreensão dos fatores que interferem na vida em sociedade.

Uma outra questão observada foi em relação ao atestado médico de um ou dois dias, sendo apresentado com certa frequência e, neste caso, não há substituição do professor. A equipe pedagógica diz não ser dela a função de professor substituto. As orientações da SEED são de que se deve atender aos alunos, no entanto não garantem que o aluno seja atendido com conteúdos necessários e essenciais para o cumprimento do planejamento curricular.

Na pesquisa realizada, evidenciamos que existem várias dispensas de aulas, não no período total do dia, mas em algumas aulas esta prática é corriqueira. Como a escola é local de trabalho do professor e aluno, ambos são suscetíveis à doenças deles próprios e de seus familiares. A lei os ampara e, quando o professor não se pode fazer presente, ocorrem dispensas de aulas ou o atendimento pela equipe pedagógica para aconselhamentos e conversas, sem levar em consideração o conteúdo que deveria ser desenvolvido. Por isso, a SEED e a escola precisam encontrar meios que garantam a aplicação da lei, não apenas de forma a garantir a presença do aluno na escola, mas tendo o direito às aulas das disciplinas conforme matriz curricular, sem ônus qualitativos e quantitativos ao aluno.

Conforme observações e análises feitas, dificilmente a escola conta com a frequência de todos os professores durante uma semana inteira de aula. Os pedagogos e a direção sentem-se aliviados quando estão todos presentes, independentemente da qualidade das aulas que estão sendo ministradas pelos presentes neste dia.

No cotidiano escolar assim como na pesquisa realizada, pudemos constatar que muitos professores reclamam da falta de tempo para preparar-se, dos cursos oferecidos nem sempre satisfazerem as necessidades pedagógicas, dificultando assim o desempenho em sala de aula.

Quanto à qualificação dos profissionais da educação, entende-se que os professores precisam ter maior qualificação, maior tempo para o preparo de atividades, desenvolver práticas pedagógicas coerentes, trabalhar conteúdos com a perspectiva de gerar transformações e assim garantir que os embasamentos teóricos deem suporte à resolução de problemas do cotidiano.

Há a necessidade dos professores continuarem lutando para terem maior tempo disponível no preparo de atividades e tempo para o estudo. Preparar-se com conhecimentos científicos e que, além de informar, sejam os transformadores das ações.

Sabemos que a escola não é o único local de aquisição do conhecimento, porém é função dela sistematizá-lo de forma que o aluno tenha acréscimos cognitivos e melhorias sociais. Com a aquisição do conhecimento, o aluno poderá fazer escolhas que atendam suas necessidades sociais e também econômicas, e isso resultará na sua liberdade política e intelectual, que o ajudarão a conquistar sua cidadania.

A emancipação do ser humano se dará em decorrência da construção de uma autonomia, principalmente intelectual, e esta será obtida através da educação escolar.

O anseio maior descrito tanto por professores, alunos e pais, na pesquisa, é o de que a escola seja um espaço onde alunos e professores possam desenvolver a capacidade de ler, interpretar, reinventar os conhecimentos empíricos e assumi-los como conhecimentos científicos. Cabe à escola mediar os conhecimentos para que os educandos possam assimilá-los como recursos de transformação de sua realidade.

Para que a escola cumpra a função social para a qual se propõe, será necessário que todos os envolvidos no processo educativo cumpram a sua função.

Pela análise feita, percebemos que a escola precisa encontrar formas para garantir que professores e alunos assumam que o conhecimento é a principal tarefa a ser desempenhada.

Observamos, ainda, que, por unanimidade, os pesquisados afirmaram que é necessário que o poder público contrate professores temporários (para suprir as licenças especiais, saúde, PDE, dos professores que estão fixados no estabelecimento, mas encontram-se exercendo funções administrativas) antes do início do ano letivo, e garanta professores em sala de aula durante todos os dias letivos e em todas as aulas. Enfim, que a escola tenha profissionais contratados em número suficiente para o atendimento de todas as especificidades que a ela compete.

Através da pesquisa, evidenciamos que os alunos precisam adquirir o gosto e o real sentido da educação escolar, que tenham discernimento e clareza sobre a importância de se estudar no mundo que se apresenta. É necessário que tenham disciplina para o estudo e que saibam questionar e participar ativamente do desenvolvimento do currículo da sala de aula.

Constatamos, através da fala de alunos e de professores, que é necessário que os pais tenham compromisso e participação ativa na cobrança de um ensino de qualidade. Participem e façam as cobranças necessárias tanto da escola, como da maior dedicação do filho para com o estudo. Somente quem conhece e participa, do processo educacional, poderá realizar o acompanhamento e a cobrança necessária, pois terá possibilidade de conhecer a estrutura organizacional da escola e com isso a obtenção do sucesso deixará de ser utopia.

Alunos e professores afirmam que cada um deverá assumir sua função e o ato de ensinar e aprender, que é a tarefa delegada para a escola, não acontecerá unilateralmente, e deve ser de dedicação, disciplina, esforço e realizada com compromisso. Que esta tarefa seja a de garantir acesso aos conhecimentos essenciais e

clássicos. Clássicos pela forma que exercem na ação de transformar através do conhecimento, e essenciais pela importância que têm na formação cultural e histórica do ser humano.

Sendo a escola espaço educativo, ela é, acima de tudo, local de trabalho que deve possuir objetivos claros, atrelados ao desenvolvimento do conhecimento, utilizando-se de recursos de pensar e agir. Estes recursos são características específicas da escola e deverão ser realizados pelo docente, com formação integral (omnilateral), com clareza do que vai ensinar, sabendo associar os saberes acumulados pela humanidade ao desenvolvimento dos processos de pensamento de seus alunos.

Há de se ter clareza de que a competência profissional do docente e o interesse dos alunos pelo trabalho por ele desenvolvido se dará num ambiente de constante reflexão das práticas pedagógicas, bem como na análise e na incorporação de novos saberes, os quais são inerentes à práxis educativa.

Este trabalho além de aprofundar minhas reflexões relativas ao fazer pedagógico da escola, servirá de parâmetro e de advento para a realização de novas pesquisas que buscarão perspectivas de uma educação mais voltada ao conhecimento científico e à inserção do cidadão no espaço em que vive.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

BRASIL. **Constituição da República Federativa**. Brasília: 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394/96. Ministério da Educação. Brasília: 1996.

CELESTINO, Alves da Silva Junior. **A Escola Pública Como Local de Trabalho**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 16ª Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

SÁNCHEZ, Vázquez Adolfo. **A Filosofia da Práxis**. Trad. Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 36ª Ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Deverval. **Histórias das Idéias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Deverval. **Pedagogia Histórico-Crítica - Primeiras Aproximações**. 7ª Ed. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2000.

SEED, Colégio Estadual Carlos Zewe Coimbra. **Projeto Político Pedagógico**. Santa Terezinha de Itaipu: 2007.

_____. **Diretrizes Curriculares de Arte Para a Educação Básica**. Governo do Paraná. Secretaria de Estado da Educação, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.